

**3 de junho de 1876** - Agora não posso falar de minha visita a Mount-Vernon.

Saí de Washington perto de 4 ¾. Gastei mais de 2 horas. Cheguei perto de 11 da noite. Voltei da casa de Thornton perto de 1 ½ da madrugada. Muita gente e da melhor em casa de Thornton é tudo muito bem arranjado. O interior da casa é muito bonito. Saio daqui a pouco para ver o Arsenal de Guerra com o general Sherman e depois pretendo ir ao fotógrafo, etc. Não de fazer perto do hotel um exercício de bombeiros. Depois do almoço vou ver o edifício suntuoso do Department of State, que terminado compreenderá os da Guerra e Marinha sobretudo para ver Hunter filho do meu conhecido Hunter cuja família, menos esse filho que ficara já empregado nos Estados Unidos, conheci muito no Rio quando ele pai aí esteve de Ministro.

Às 11h saio para a viagem.

11h Chego do State Department. Belo edifício.

Mrs. Brickhead está em New Port e uma irmã de Hunter. Não se parece com o pai. Estava de chinelos.

Depois fui ver o jardim do departamento de agricultura. A estufa é curiosa e tem 74 variedades de vinha com seus nomes. Finalmente voltei dando um giro. Acabo de ir ao teatro que é bonito no interior. A família Vokes, 3 irmãos e 2 irmãs — ingleses e tem corrido o mundo representando peças que eles mesmo arranjam é digna de ver-se. Duas irmãs são excelentes artistas; e uma destas até tem excelente voz e canta que agrada, dançando também, com muita graça.

Esqueci-me de dizer que os presidentes das Câmaras batem martelo, em lugar de tocarem campainha.

Há 9 igrejas católicas e constroem-se mais 2.

O Post-Office é também um belo palácio.

A White-House casa do Presidente não tem arquitetura nem muito grande, porém há seu luxo no interior, e tem jardim bonito.

Esqueci-me dizer que nas salas das comissões e corredores respectivos no Capitólio procuraram imitar as pinturas murais de Pompéia.

O rapaz que no quadro da batalha do lago Erie está com medo de que o Com. Perry morra é seu filho, do mesmo nome e que comandou a expedição ao Japão. Vi hoje outra pintura interessante no muro ao subir uma das escadas. Representa o ataque de um forte de índios.

Tenho tido cartas a valer sobretudo pedindo autógrafa meu.

Vi nos arquivos o borrão da declaração da Independência por letra de Jefferson e assentos de despesas por letra de Washington, assim como despachos e Paris assinados por Franklin. Depois fui ver a estátua eqüestre de Jackson pelo escultor Clark Mills. É uma das boas — poucas — que tenho visto aqui. Está no Lafayette Park. Vou sair para a estação.

**4 de junho de 1876** - O sol parece querer dar-nos belos dias para a cascata.

Vou dizer que o tempo não me permitiu referir em Washington.

O Soldier's Home admite 300 segundo me disse Sherman que me informou haver mais 3, sendo o de Ohio o maior.

Plantei junto à escada do Instituto dos Surdos-Mudos uma hera, de que trago uma folha.

No Coast Survey dirigido por Patterson amigo de Agassiz e homem muito inteligente informou-me este de que mesmo a carta dos estudos marítimos não está acabada. Tem medido diversas bases das quais a maior é de 10 milhas, com o instrumento aperfeiçoado por Bache, o qual verei na exposição mediram um arco de meridiano entre os Montes Shasta e Diablo de mais de 200 milhas assim como mediram um arco não menor de paralelo. No alto do Monte Shasta de mais de 14.000 pés de alto colocaram um marco que reflete o sol e torna-se visível assim por telescópio a mais de 200 milhas. Possui oficina de gravura e de eletrotipia, tendo o diretor desta última oficina A. Zumbrock obtido depositar o aço sobre a chapa de cobre eletrotípica. Deu-me uma linda gravura obtida por essa forma. Há um graduador até 5" com o nonnio 1/10". Repararam instrumentos, mas compram-nos na Europa.

Patterson ficou de mandar-me a melhor carta dos Estados Unidos até agora publicada e uma planta excelente do porto de N. York.

No Museu Anatômico vi trabalhos muito curiosos e fotografias de composição do sangue de diversos animais e do homem e o Fontes disse-me que tinham trabalhos histológicos fotografados de muito interesse.

Mount Vernon é um lugar pitoresco. Sobe-se do desembarque até à sepultura de Washington e Marta. Não gostei do monumento vermelho e de péssimo gosto. Pela grade atirei flores sobre as duas sepulturas e plantei perto uma maple

tree por pedido de Mrs. Berghmann Presidente da Sociedade de Sras. que cuida de Mount Vernon (ver as notas do testamento de Washington, cujo impresso me deram lá) — é digno de ser traduzido em todas as línguas e ainda mais me faz venerar a memória do grande cidadão. Pedi ao historiador Bancroft que me acompanhou na digressão que pegasse no galho enquanto eu o plantava. Depois vi na antiga sepultura de Washington um lugar muito bonito olhando para o Potomac. Colhi umas folhas de uma das árvores que o sombreavam como assim trago outra do galho que plantei e um pau de um Hickory de Mt. Vernon que me deu Mrs. Berghmann. Mudaram os ossos de Washington da família para outro lugar por causa da recomendação do testamento, porém só o fizeram em 1837, 38 anos depois da morte dele. Depois vi à casa dele (ver o livro de descrições que trouxe por pedido meu) e houve comida.

Na volta choveu um pouco. O rio é bonito. Muito gostei de conhecer durante este passeio e no soirée da noite a Condessa de Hoyos, da família Eberstein, mulher do Ministro da Áustria cuja fisionomia de turco não me agradou. Conversei também com o Ministro da Venezuela Della Costa. Muito interessante e estimável pessoa. Conheci também então o almirante Porter, o que mais se distinguiu na Marinha de guerra civil depois de Farragut. A Condessa de Hoyos tem expressão de rosto e sobretudo de olhos muito parecido com o da Isabel, mas o talhe do corpo não.

8h 9' da noite, que ainda é dia.

Depois da missa da Igreja de St. Mary, que não é pequena mas feia — um só padre cantou-a e explicou epístola e evangelho; o coro desafinou que foi um gosto.

Fomos ver a cascata. É belíssima — porém a de Paulo Afonso mais sublime, caindo de muito maior altura. Via-a, contemplei-a primeiro do lugar chamado Prospect — lado americano — o parapeito está sobre a queda desse lado e olhara para a majestosa queda de Horse-shoe lado do Canadá. Todos os da comitiva fotografaram-se junto ao Prospect. Depois fui pela suspension-bridge mais abaixo da outra ao lado do Canadá. O passeio é bonito — com bonitos jardins assim como plantações de árvores. Aí há a Clifton-House. Comprei numa casa adiante fotografias, binóculozinhos, onde se olha a vista da cascata. Aí vesti a roupa própria para ir a Table-rock. Parte da cascata de Horse-shoe me caiu por cima. Incomodou-me um pouco a ventania produzida pela queda e o chuveiro na cara. Saindo fui ver bisões vivos; uma pirâmide coberta de ossos de chefes dos índios Chippawa desenterrados de um cemitério deles e noutra casa ursos.

No hotel também os prairie-dogs meus conhecidos da viagem a S. Francisco. Na segunda casa subi até um mirante de onde há excelente vista sobre a cascata. Daí fui até a ilha onde há o chamado observatório. Subi a essa grande altura que domina melhor a cascata. Voltei ao hotel para jantar. Pouco depois das 6 fui ao Goat-Island. Para lá chegar atravessa-se uma ponte sobre os rápidos perto da qual existe a fábrica que faz o papel para Tribune de N. York. A ilha fica sobre a grande queda do lado americano. Apanhei folhas assim como um ramo de cedro, como o do caramanchão perto do meu torreão de S. Cristóvão tinha escolhido na ilha do observatório. Goat-Island é muito pitoresca. Daí fui as Three-Sisters três ilhotas reunidas por pontes. A última fica sobre os grandes rápidos e aí parece sobretudo ao longe um mar de temporal. Em caminho vi a parte do parque que levou à pedra sobre que estava uma torre que caiu e chama-se Terraput Tower. Na volta entrei num anexo de nosso hotel que serve de parlor e que tem vista sobre os rápidos de ambos os lados. Do salão observei o brilhantíssimo pôr do sol. Os espelhos do salão faziam que o rio parecesse nesse ponto correr em sentidos *[sic]*.

São 8 ½ e ainda há bastante crepúsculo. Às [ que horas????] será a ceia e às 10 vou admirar o luar de Goat Island que dizem ser o melhor lugar.

11 ½. A lua nunca esteve muito tempo limpa. As águas apresentam outro aspecto diurno. Nas Three Sisters é que a vista mais me agradou. As pequenas nuvens que levantam os rapids parecem fantasmas deslizando-se sobre a água. Não observei nenhum arco-iris. De dia vi alguns que pareciam quase deitados sobre a água. Muitas vezes interrompido, ou parecendo cores, que corriam sobre as águas. Agora de noite é que descí e fui até onde houve a torre. No passeio de dia eu vi uma parte da margem comida pela corrente com a forma de uma abóboda. A pedra junto da qual passei para ir a Table-rock está se desfazendo como madeira podre. Há um bote que atravessa muito bem o rio e aproxima-se de Horse-shoe, vindo da margem inglesa até o elevador que há nessa.

A vista do Prospect-Point com lua bem clara deve ser admirável; contudo agora apresentava aspecto encantador. Estou com muito sono. Adeus.

**5 de junho de 1876** - 5 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. Já tomei banho. Meu guia disse-me ontem que 1 milha acima das Sisters-Islands navega um vaporzinho até Búfalo, 22 m. Esta cidade fica no desaguadouro do lago Erie. A 18 m. abaixo da Catarata de Niágara fica o lago Ontário.

8 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. Saí às 6. Fui ver os Whirlpools primeiramente os pequenos onde os rapids produzem enormes colchões, tendo descido até perto do rio por elevador e escada, e depois o grande onde um objeto caído redemoinha 3 dias antes de seguir rio abaixo. Este forma aí um lago e depois continua estreito entre altas barrancas. O pequeno vapor que ia até perto da Catarata do Niágara não tendo dado lucro fizeram-no descer os Whirlpools. Eram 3 homens que estavam dentro. 2 quiseram voltar, o outro fingiu que assentia, mas fechando-os deitou-se com o vapor o Maid of Mist pelos redemoinhos abaixo chegando ao lago Ontário. Levo vistas disto. Voltei pela margem do Canadá e defronte de Clifton-House descí a tomar o bote que nos conduziu muito bem — eu, Bom Retiro, o Augusto, o guia do hotel e um remeiro com 2 remos e que dirigiu perfeitamente o bote através da corrente até o elevador a vapor na margem americana. Eleva à altura de 180 pés; o dos Whirlpools é de 192 — por meio de cadeiras em plano inclinado com trilhos. Daí subi pela margem do rio de onde navega um pequeno vapor que aí estava muito longe, para Búfalo. Voltei por um caminho bonito atravessando um bosque de carvalhos. É preciso cuidado para não ser surpreendido pelos trens, onde não tenho visto guardas que dêem sinais aqui na viagem de Washington para cá. São 9 e vou almoçar. Comprei uma bengala num mostrador perto do porto do bote.

Leio no Buffalo Daily Courier de hoje que o express de N. York para S. Francisco chegou ontem (41 a Oakland) às 9h 25' da manhã 26' menos que as prometidas 84 horas e os passageiros apearam-se às 9h 52 <sup>1</sup>/<sub>2</sub>' no saguão do Palace Hotel de S. Francisco. Nada sucedeu durante o trajeto. Vejo que hoje de tarde cantam em Buffalo a 20 e tantas milhas daqui o oratório S. Paulo de Mendelssohn — que pena!

Antes de sair de Washington 3 dos 5 postos de bombeiros da cidade velha acudiram prontamente ao sinal gastando minutos apenas, e as bombas a vapor jorravam a altura maior que a das mais altas casas. Vimos também as escadas, mas não fizeram exercício com elas. Antes do almoço fui ao Arsenal de Guerra. Não encontrei ninguém e pareceu-me que nada havia que ver. Dei uma volta de carro e retirei-me.

O caminho até o Arsenal à margem do rio sobre uma ribanceira é bonito.

Perto da estátua de Jackson há peças tomadas aos ingleses na guerra de 1812 creio que pelas tropas de Jackson.

Washington tem as maiores ruas asfaltadas e em tempo de chuva e com as variações de temperatura que aí há ficam lamaçais pegajosos.

Não vi a grande casa para os negros libertados junto ao Soldier's Home porque disseram-me que não valia a pena. Não sei se já falei das espirradeiras (planta Nerium Oleander) vermelhas e cor de rosa como ainda não vi tão belas, quando subi o Mississipi vindo da barra.

**12 de junho de 1876** - Fomos ao Burning-Springs que fica na margem do Canadá perto das Street Islands onde há uma ponte que lá vi do caminho onde passei pelo colégio católico que é um bom edifício. O gás sulfídrico sai de um tubo de um reservatório colocado no poço. Inflamam-se ao contato do fogo. Através de um lanço que não arde, penetra as noras tapando parte do tubo; no fundo do poço depois de esvaziado um copo dessa água, que não tem mau [*sic*].

Colhi ramos de uma planta rasteira em Burning-Springs.

**3 de junho de 1876** - Partida de Washington 11h 50'. As estações de Washington que conheço mas não são feias externamente e são grandes.

12h 4'. Passamos um túnel não pequeno. Caminho de Baltimore que já conheço.

1h <sup>1</sup>/<sub>4</sub>. Chegamos a Baltimore

1h 21'. Seguimos

3h 40'. York. Lugar bonito e desafogado à direita, com suas casas. Até Harrisburg. Já eu conheço de quando vim de Pittsburg.

Às 3 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> Mount-Wolf — Poucas casas, colinas. O movimento não me deixa escrever bem. Ponte coberta. Outra.

4h Já há minutos que margeamos o rio Susquehanna. Bonita vista de colina defronte do outro lado do rio. Passamos defronte de uma casa com lindos carvalhos. Tem feito calor abrasador, mas agora vai refrescando, apesar de ter falhado a trovoadas. O rio alargou e fez linda vista. Ponte coberta, antes desta passou-se. Todas elas curtas. Há muito que se vê

ao longe Harrisburg. Estou em dúvida se não passei por outro caminho de Pittsburg até Washington, pois não vi Harrisburg de longe, mas também vamos atravessar o rio. Paramos para que outro trem passe a ponte. Contudo creio que segui ao lado oposto da minha primeira vinda a Washington, sendo que o caminho perto desta pareceu-me o mesmo. As Montanhas ao longe do lado de Harrisburg formam esta figura.

**[Desenho]**

Não se vendo a base da abertura entre elas.

4h 32'. Passamos a ponte e estamos em Harrisburg.

5h 13'. Desci, mas pouco andei. Apareceu uma banda de música vestida ao tempo de Washington que tocou o hino americano e outras músicas. Creio que vamos seguir porque chegou o trem que se aguardava.

5 ½ Seguímos. Campos bem plantados. Vales à esquerda. Bela ponte à esquerda sobre o rio que margeamos tendo passado por Rockville.

5 ¾. Um canal ao longo do rio porque este aqui é pedregoso. Barcos puxados a sirga no canal uns para baixo outros para cima. Paramos por causa de um grande trem que ainda está passando.

6h 26'. A trovoada deu muito para cá e a linha ficou interrompida. Tomamos por isto um desvio e vamos seguindo agora. Mas passamos segundo ouvi pelo lugar do esbroamento [*sic*]. Paramos outra vez um pouco e 6h 40' parece que vamos seguindo decididamente. Um grande negrume de nuvens, porém creio que não cairá a grande carga de água sobre nós.

7h A chuva tem caído com trovoada. Continuam o rio e canal a este de comportas — que já se viram duas. Estamos na Lykens Valley e defronte do lugar do embarque do carvão de pedra. Shipping Office for the Liken's Valley Coal.

Paramos minutos e seguimos. À margem oposta 7 ½ está muito bonita bordada de casas que dominam as colinas todas relvasas. Recebeu-se telegrama de que se queimou uma ponte no caminho. Dizem que não atrasa a viagem e apenas queriam se eu preferir aguardar que se reparasse a ponte a seguir outra linha.

7h 23'. Há minutos que não vejo o canal que julgo afasta-se do rio que margeamos sempre. Este vale é lindíssimo.

7h ½. Passamos por casas. Muitas canoas pequenas junto à margem do rio. Vai ficando escuro para ler.

7 ¾. Atravessamos há pouco uma ponte. Por hoje deixo de escrever.

8 ¼. À lua sempre acrescentarei que passamos há minutos Sunberry povoação considerável a 186 m. de Niágara.

**4 de junho de 1876** - 5h 20' da manhã. A paisagem é muito bonita. Estamos a mais de 40 milhas de Buffalo de onde começar o Erie-Canal que une os lagos do rio Hudson em Albany e Frog por Rochester, Siracusa e Utica. Custou 45 milhões de dol. Os barcos gastam 11 dias de Buffalo a Albany andando noite e dia. Buffalo tem 117 mil habitantes. Devemos estar perto de Watkins. Há aí um glen com muitas belezas naturais, cascatas etc. Segue-se o Glen-Cathedral calçado de camadas silurianas e com rochas laterais de 300 pés de alto. Aí cai a Central Cascade de 60 pés num estreito poço de grande profundidade. Há muitas outras belezas.

6h ¼. Do lado esquerdo há plano muito bem plantado.

A estrada aproxima-se quase a tocá-las das colinas da direita. (Dizem-me agora que Watkins fica noutra linha que vai a Buffalo).

6h ½. East-Aurora. Bonita estação. Algumas casas com árvores e lindo campo relvoso. O dia tem sido chuvoso mas sem cair muita água.

7h Chegamos a East-Bufferlo, mas por causa da chuvinha quase nada vejo.

7h 40'. Niagara-river à esquerda. É largo.

8h 12'. Perdemos-lo de vista. Por causa da ponte queimada não fomos por Elmira mas por Olean. Creio que antes de chegar a ver o Niágara-river atravessamos o Canal-Erie que não é largo. Estava cheio de madeiras flutuantes.

7h 50'. Vê-se outra vez o rio. Terreno chato, e bem cultivado de ambos os lados do caminho.

8h 5'. Estamos parados porque não houve onde telegrafar para os carros que devem levar-nos ao hotel. Só se pode fazer aqui na estação de Niágara-Falls creio que ouvir a bulha da cascata.

São 9h 10' pelo hotel adiantando eu meu relógio 25'. Cheguei há pouco ao International Hotel do lado americano, onde há passeios. Parece-me bom. A povoação tem bastantes casas. Às 10 ½ é a missa.

**5 de junho de 1876** - Às 12 ½ estávamos no trem. O rio Niágara só é navegável francamente abaixo da catarata de Niágara de Lewistons para diante, mas nós vamos por estrada de ferro.

1h 5'. Passamos a segunda suspension-bridge, contando da catarata para baixo. A Tuscaron Reservation está a 3 m. E. de Lewiston, e está de 5 a 7 m. da catarata Lyell diz que 40 mil milhões de pés cúbicos de água passam por hora pela catarata. Quando não há ventos O. no lago Erie sobre o nível do rio e 1 pé na catarata corresponde a 17 ½ abaixo. 2 ½ m. acima da catarata o rio tem 3<sup>m</sup> de largo e no Whirlpool só 400 pés. Em 30 anos e queda americana adquiriu uma ligeira curva e o Horse-shoe do lado do Canadá mudou consideravelmente de contorno. Em remotos períodos geológicos as águas do Erie cobriram maior superfície do que agora e eram limitados a E. pelas alturas de Queenstown e Lewiston. A água, a geada e o gelo cortaram profundamente esta barreira e formou-se uma sucessão de quedas de uma altura de 300 pés. Desde então a queda recuou 7m deixando a imensa garganta entre Niágara e Queenstown. Continua vagarosamente o recuo. O peso das águas desagrega a ardósia macia perto do leito do rio até as camadas de calcáreo, que se quebram, não tendo sustentáculo. A queda cai sobre o mesmo leito no Whirlpool há séculos porque as camadas superiores de calcáreo são sustentadas por uma camada resistente de sandstone (pedra arenosa). O recuo é agora menor pois que o rio que só tinha 1000 pés de largura na garganta forma agora uma curva de mais de 4000. Houve receio que o rio abrisse caminho para trás na direção do lago Erie, porém a natureza das camadas acima das quedas e a largura crescente do rio destroem essa suposição.

Na ponte para Groat-Island os rapids correm 30 m. por hora. A primeira ponte suspensa a maior do mundo custou 175.000 dol. sendo o comprimento de terra a terra de 1268 pés. Aqui une Niágara City e Clifton (a que passamos agora custou 500.000 dol. Tem 700 pés de comprido e 230 sobre o rio. 2h 5'. Agora é que seguimos de Clifton. Terreno de colinas. 2h 20'. Planície onde estão como que fazendo um canal à direita.

2h 25'. Passamos Welland Channal que visto abrir o comércio na Sta. Catharina, em Merritton e Junction. É povoação de bastantes casas.

2 ½ St. Catharina. Povoação considerável. Tem águas minerais e por isso chamada Saratoga do Canadá. Campos bem plantados.

2h 40' Atravessamos um rio que ia dar a uma grande massa de água ao longe à direita.

2h vê-se bem o lago Ontário à direita. Era a massa de água. À esquerda linha de colinas altas cobertas de árvores; à direita planície que finda perto no lago Ontário. Vejo colinas como as da esquerda além da parte da massa de água à direita.

3h 25'. Estamos a chegar a Hamilton com 27.000 habitantes. O porto é um dos melhores do lago Ontário. Parados há minutos em Hamilton.

São 3h 36'. 4h 35'. O terreno tem sido plano e cultivado vendo também gado e carneiros; porém em pequena quantidade; o lago Ontário quase sempre à vista e não mui longe do lado direito. Pinheiros do lado do Lago (4h ¾). Creio que nos aproximamos de Toronto (segundo uns quer dizer árvores na água, e segundo outros lugar de ajuntamento). Agora estende-se bem perto à direita o grande lago. Chegamos à 4h 55' (4 ½ no Canadá)

4h 10'. Voltou-se do passeio na cidade. Avenida comprida e bonita de castanheiros. Queen's Park com o monumento dos voluntários mortos pelos Fenianos em 1866 grande e belo edificio da Universidade com linda porta de arquitetura romana que é a de toda a casa. Boas casas para High-School, Normal School, College of Technology, belo novo Post-Office, belas igrejas: católica do custo de 100.000 dol. English Cathedral Anabaptist, Baptist, etc. No Queen's Park vi uma torre de observações meteorológicas; o Osgood Hall de boa arquitetura chamado depois first chief Justice da provincia, o grande edificio de Trinity College (escola de direito). O Hospital de loucos (Lunatic Asylum). Todos vi por fora e entrei no terreno deste hospital, que é o maior que vi depois que saí do Brasil. O terreno tem jardim e espaço muito grande plantado e para plantar. Não gostei das espécies de salas semicirculares comuns de varetas de ferro, que de fora parecem gaiolas. As ruas não são bem calçadas, quando o são, e algumas de difícil trânsito por causa do terreno. A cidade tem mais de 75.000 hab. segundo Appleton. Osgood dá-lhe 60.000. Chamam Toronto de cidade rainha do oeste. 7h 17'. Começamos a mexer-nos mas paramos e seguimos agora

7h 42'. Veio a meu vagão o Mayor Angus Morisy fazer seus cumprimentos. O New York Herald de 3 publica uma representação que o Grande Jury apresentou, ao encerrar-se o termo de maio, ao Juiz Sutterland contra o estado de prostituição da cidade de N. York, dizendo que se o mal é inevitável deve a prostituição ser regulamentada.

São 8h no meu relógio (7 ½) nos do Canadá e o ocidente ainda está rubro. Terreno plano com pouca cultura. Lago que se vê ao longe à direita. Tenho lido um livrinho sobre o Niágara. O que diz sobre geologia confirma o que já escrevi mas acrescenta que o fundo do rio entre as 2 pontes suspensas é de 100 pés. O horizonte no O. parece andar. Vi tudo no Niágara, mas não passei a Cave of the winds. Está-se mais debaixo de uma das quedas americanas que da inglesa no Table-rock. Não haveria tempo, mas lá não desci porque o Augusto que já a visitara disse-me que não valia a pena e eu posso ver outras cousas.

8h 20'. Vamos seguindo por muito perto do lago.

O ocaso ainda está alaranjado. Lenha cortada perto do lago. Ainda braseia [*sic*] a O. Bonita vista do lago. Vê-se um barquinho sobre o lago

9h (8 ½) Ainda há crepúsculo. Há pouco passamos por Whitby. Custa a ver a paisagem e por isso faço ponto por hoje.

9h ¾ (9h ¼). A noite de luar está muito bonita. Vi um farol no lago Ontário sobre o qual se refletiam os raios da lua formando uma faixa luminosa.

**6 de junho de 1876** - 6h 25'. Dizem que o trem parou às 2 ½ em Kingston. Acordei às 4. Depois fui ver o vapor em que parto, o Spartan e passei pela cidade. Passei pelo belo edifício do Banco todo de pedra. Tem na frente uma bateria de pedra com 9 pés. Há fortificação na margem do rio mais abaixo. Dizem que o Spartan larga entre 6 e 6 ½. A cidade está na confluência do Cataracqui e S. Lourenço no fim do lago Ontário e acima do principio das Mil-Ilhas. A baía é alongada pelas ilhas Wolfe e Garden. Tem de 13 a 16.000 habitantes. As ilhas que principiam quando acaba o Ontário estendem-se por 40 m. sendo mais de 1.800 ilhas e ilhotas e a largura nalguns lugares de 7 m. Amherst-Island é a mais acidentada.

6h Partimos. O comandante diz que o vapor bota 13 a 14 m. e que estaremos em Montreal às 7h

7h 35'. Já se almoçou e bom almoço e estamos atracados a Gananoque (Canadá) situada na foz do rio deste nome. Tem 5 igrejas e diversas fábricas. Tínhamos passado a ilha do farol e um farolete no meio do rio, e antes o cabo St. Vincent onde se refugiaram os franceses sob a direção do Conde de Real chefe de polícia de Napoleão e neste lugar seria a morada de Napoleão se ele escapasse de Waterloo. Defronte de Gananoque está Clayton onde embarca muita madeira e se tem construído muitos navios. Há muito peixe em suas proximidades.

Passei por um bote e um farolete na ponta da direita do Ivy. À esquerda ponte de madeira que o atravessa.

7h 20'. Chegamos a Lynchburg com bastantes casas e algumas que parecem fábricas, ou oficinas. Desci um pouco. Há um edifício para guarda de locomotivas e vagões e talvez reparos.

7h 36' Estamos mudando para a bitola estreita.

8h 10'. Atravessou-se o rio e seguimos. Atravessamos o rio — James River em ponte de ferro para a margem direita.

8h 9'. Estamos parados sobre outeiros. No fundo do vale vêem-se diversas casas. Atravessamos um grande corte. Vi num jornal, que achei hoje, creio que de ontem, a notícia de um furto provado e confessado no valor de 30 dol. feito por cadetes da Escola Naval de Anápolis.

9h 7'. Continua o terreno muito acidentado e aproximamo-nos das montanhas. As colinas estão bem cultivadas.

9h 12' Passamos por [*ilegível*]. Poucas casas. As montanhas de ambos os lados cobertas de mato não estão longe. Elmingston? Tem suas aspecto interessante dos outeiros formando um tapete esquarejado como de [*ilegível*] terra avermelhada e os verdes diferentes das plantações.

9h 33'. Vamos subindo os contrafortes das montanhas docemente. Grande corte. Outra [*ilegível*] igual e outro. Como que uma chapada de poucas altas ondulações. O solo não é tão bom, como o de ontem a tarde, para o cultivo.

10h 1'. Passamos por Coperville onde a parada foi de instantes. Bonita vista para a esquerda por onde se alonga a vila. Apertam-se os contrafortes das montanhas, e já se passou um corte. Antes houve 2 estações insignificantes ao que parece, pois não as notei. Corte considerável.

10h 8'. Bonito descampado com colinas mais ou menos altas e a serra muito longe à esquerda. A estrada vai agora por entre colinas apertadas. Corte de grande altura.

10h 20'. Garganta entre colinas mais altas. Corte alto na rocha em parte.

10h ½. Bonito lugar. Charlottesville, o edifício com cúpula que se descobre à esquerda é a Universidade da Virginia. Tem bastantes casas e algumas bonitas. Já lobriguei 2 igrejas.

11h 9'. Vi à direita sobre uma montanha uma casinha que me disseram ser aquela onde trabalhou o célebre Jefferson. A casa de vivenda e a sepultura dele estavam escondidos pelas árvores. O caminho passa depois por um alto viaduto por baixo do qual corre um dos riachos que formam o rio Rivanna cheio de pedras que margeamos pela esquerda.

11h 6'. Lugar bonito em que a vista se alarga e de algumas casas. Já mudou o aspecto e o terreno um tanto árido. Pinheiros sobretudo. Bonita casinha sobre colina relvosa e rodeada de árvores à direita, a vista estende-se para a esquerda até morros que elevam-se ao longe acima das colinas.

11h 23'. Cobham onde a máquina bebe água. Tem algumas casas. Vou acertar o relógio. O do nosso condutor tem 12h 4'. Dizem que a água aqui vinda por uma calha é muito boa. Provei-a, assim é, mas está morna. Vi casas de campo bonitas e a paisagem agrada por causa das colinas e árvores.

12h 10'. Atravessamos bonito mato de pinheiros sobretudo. Chegamos a povoação considerável (Gordonsville) com algumas casas boas.

12h 26'. Seguimos. Passamos o Madison Creek. Daqui a 2 m. estão a casa e sepultura de Madison.

12h 39'. Lugar com casas.

12 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. As colinas achatam-se e vejo à direita terra avermelhada e boa para cultura como a de ontem, à tarde. Aparecem casas e igreja sobre uma das colinas à esquerda. Casas de ambos os lados e algumas grandes e bonitas com viçosas hortas.

1h 11'. É Orange, povoação grandezinha de onde seguimos. Já tinha passado Madison. Boa terra avermelhada e bem plantada à esquerda. Antes via-se bem a alta serra azulada muito ao longe. Lindo descampado todo verde com algumas casas bonitas e uma sobre outeiro dominando um lago pequeno artificial. Chegamos ao Rapidan-River.

1h Rapidan. Bonita igreja com torre, toda branquinha. Casa à esquerda rodeada de árvores sobre a colina verde. Do lado direito também é bonito o campo pouco ondulado com montanhas ao longe. A serra azulada à esquerda muito longe é Blue-Ridge.

1h 10'. O terreno vai-se tornando planície sobretudo para o lado direito. Chegamos a Mitchells. Poucas casas. Estamos na quase planície muito bem cultivada e com árvores dispersas. Do lado direito termina em uma linha de colinas com mais ou menos mato e da esquerda a vista esbarra mais baixo ou mais alto no Blue-Ridge.

1h 26'. Passamos por Culpeper. Tem bastantes casas, duas igrejas, e à direita um cemitério bem retirado subindo uma colina, onde se enterraram os mortos na Guerra-Civil. Desci e passei um pouco.

1h <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. Partimos. A mesma planície. Casas aqui e acolá, como de herdades.

2h Brandy. Algumas pequenas casas. Grande e bonita plantação à esquerda embora ainda pouco crescida, toda verdejante e ondulante com a aragem.

2h 10'. Atravessamos em curta ponte de ferro o Rappahannock e chegamos à estação deste nome, onde não paramos.

2h 20'. Passamos por Bealeton com poucas casas. Continua a planície mas as árvores tapam a vista sobretudo defronte e da direita. Lindo campo à esquerda todo esmaltado de florzinhas, mas não como os da Califórnia.

2h 35'. Chegamos a Warreton-Junction depois de ter passado Midland e seguimos.

2h <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. Passamos Catletts.

3h 22'. Acabei de jantar. Durante ele passou-se Manassas que tem suas casas.

3h 23'. Passamos Clifton. Poucas casas. Também durante o jantar passou-se pelo pequeno rio Bull-run onde se feriu a grande batalha que o governo central quase perdeu. Vi à esquerda uma igreja sobre a colina e casas.

3h 37'. Terreno acidentado.

3h 42'. Chegamos a Burke com poucas casas depois de ter passado Fairfax.

4h Terreno mais apertado, porém plano. Colinas de um e outro lado com casas e cobertas de mato.

4h 5'. Alex & Fred Cros'g. Há uma linha que segue à esquerda. Já se tinha passado Springfield. Terreno mais largo, porém ondulado. Casas à esquerda e uma sobre colina desse lado sempre com árvores ao pé como tenho reparado.

4h 10'. Mais casas do lado esquerdo. À direita um cemitério pequeno e casas.

4h 12'. Chegamos a Alexandria povoação considerável.

4h 20'. Seguimos. Viu-se à esquerda um cavalo puxando uma casa de um lugar para o outro. Atravessa-se um campo grande de relva com algumas casas. Vê-se o Potomac e ao longo dele um canal. Ao longe Washington com o seu Capitólio.

4h 34'. Começamos a passar o Potomac em ponte de ferro e madeira. Agora o rio é raso e os trilhos quase assentam no fundo. Toma a ponta 3ms. passagem. 4h 40'. Paramos um instante.

4  $\frac{3}{4}$ . Chegamos à estação de uma das ilhas que apresentam um aspecto muito pitoresco e estendem-se até Wells Island. A primeira passagem pelo "Long Sault" (rapids) foi cerca de 1840 sob a direção do índio Teronhiahéré creio que da tribo dos Caughnawaga, que dá agora os pilotos para a passagem dos rapids perto de Montreal, segundo me disse o comandante que parece-me amável e dá ares do Dr. José Antônio de Oliveira e Silva. Esqueci-me dizer que vi muitos vapores e outros navios em Kingston.

9h  $\frac{3}{4}$ . Muito longe à direita vê-se uma torre do hotel de Alexandria; defronte e perto está a ilha onde o Pullman dos carros tem uma vila. Abaixo de Brackville acabam as Thousand-Island, algumas com seus faroletes e entramos propriamente [*própria não existe*] agora no rio S. Lourenço com 2m de largo. Daqui a 17' minutos chegamos a Brockville com mais de 5.000 hab., 7 igrejas e 2 diários. Nas ilhas refugiaram-se os insurgentes canadenses de 1837. Um deles foi salvo pela filha que sabia governar muito bem uma canoa no labirinto de ilhas. Antes das cem Clayton estão as Manitoulin Island. Os índios creem que o Manitou (o Great Spirit) proibiu os seus filhos de procurar ouro e dizem que o lugar onde há ouro nunca foi visitado pelos índios sem as canoas se virarem com a tempestade.

10h 12'. Chegamos a Brockville. Andamos 57 m.

10h 21'. Desatracamos. A cidade é bonita e tem uma City-Town [*sic*] de pedra de belo aspecto. A cidade é assim chamada em honra do general Brock morto como um em Queenston onde está seu monumento em 1812. Esqueci-me de dizer que numa praça de Toronto em Queen's Garden há uma bonita fonte de mármore com peças tomadas aos americanos; desforra das do monumento de Jackson no Lafayette-Park em Washington. Ogdensburg está do lado da América oposta a Prescott no Canadá. Aqui o rio tem 1 m. de largo.

11  $\frac{1}{4}$ . Chegamos a Prescott no Canadá; do outro lado está Ogdensburg onde missionou em 1748 l'abbé François Piquet chamado depois o Apóstolo dos Iroquois. Prescott tem 3000 hab. 4 igrejas e 2 diários. O rio tem 1 m. de largura. Ogdensb. está na confluência. Oswegatchie. Suas ruas são arborizadas e por isso chama-se Maple-City. 10 milhões de bushels de cereais de Oeste passam por aí anualmente, para Nova Inglaterra. Há também grandes depósitos de farinha de trigo e madeira. Mas de 12.000 hab.

2h 4'. Passou-se o Long-Sault. Belo espetáculo. Rio encarpelado. Às vezes só há 1 pé de água debaixo da quilha do vapor que demanda 8. À tarde tem estado lindíssima. Pouco depois de 1  $\frac{1}{2}$  houve uma corredeira pequena, embora maior que outras antes. A de Long-Sault é a maior. Se recebem índios em Lachine como pilotos è provavelmente para honrar a memória daquele cujo nome já escrevi. O vapor inclina-se agora bastante nas voltas, como sucedeu nas corredeiras últimas, sobretudo a penúltima. O rio é bastante povoado em ambas as margens e cultivado, sendo até mais baixo a margem do Canadá, melhor para a cultura. Há bastantes canais marginais longos e com muitas comportas onde há pequenos vapores. Os vapores não podem subir corredeiras como a última onde a velocidade é de 20 m. por hora.

3h 5'. As margens continuam do mesmo modo à exceção das altas montanhas que se descobrem muito ao longe do lado direito. Os faroletes repetem-se. Vi patos antes de passar o Long-Sault. Não há alligators no rio segundo me disse o comandante. Os rapides do Long-Sault tem 9 m. com a queda de mais de 48 pés, e são divididas por ilhas em S. Channel por onde passamos e N. Chan. chamadas prim<sup>te</sup>. Lost Channel porque julgavam que conduzia a perda infalível. Os navios sobem pelo Cornwall Canal (lado do Canadá) de 11 m. de compr. Cornwall tem 2.500 hab. e 5 igrejas. Há muitas fábricas de algodão. 3 linhas de vapor tocam nesse porto. Abaixo de St. Regis o rio forma o lago St. Francis de 5  $\frac{1}{2}$  m. de largo e 25 m. de comp. em cuja saída está a aldeia Coteau du Lac, na extremidade de 11 m. de rapids, em 83 pés de queda chamados Cedar-rapids e Cascades. Depois de Cornwall Canal o curso do S. Lourenço está todo dentro do domínio inglês. Há pouco ouvi que os rapids de Lachine são mais perigosos e assim parece pela descrição. Do lago St. Louis vê-se a montanha de Montreal a quase 30 m. Em Lachine a corrente é tão rápida que para evitá-la cortou-se um canal nos rapids, obre estupenda, diz um dos guias impressos. Do lado oposto a Lachine está a aldeia dos Caughnawaga que quer dizer "Índios rezando". Depois de Lachine passou-se a antiga aldeia de Laprairie na costa americana; lugar célebre por ter-se aí constituído o primeiro de ferro da América do Norte britânica daí até St. Johns em 1836. O trem foi primeiramente puxado por cavalos.

Os canais à borda do S. Lourenço são 41 com comportas e 234 ½ pés de nível e de Prescott vai-se de estrada de ferro a Ottawa capital do Dominion por acabar com mais de 27.000 habitantes.

4h 40'. Atracamos um instante em Cote du Lac que tem bastantes e cuja torre resplandecia desde longe com os raios solares. Defronte fica Beauharnais, mas ainda não vi.

O comandante tem me agradado. É inglês. Também procura-me o escocês de Glasgow de 65 anos homem vivo e jovial, Mr. Alworth inglês que parece-me inteligente e anda com uma filha e outros 2, um dos quais é o perfil e expressão de fisionomia de Gobineau, que anda com uma senhora que se parece com ele ambos inteligentes. Outro também me tem falado e a todos tenho falado das maravilhas de minha terra e progressos que realmente tem feito e fará. Eles espantam-se às vezes do que eu lhes digo, mas parecem-me simpatizar com o Brasil.

Agora que passou o lago St. Francis o rio estreita-se.

Os passageiros são pelo menos 150 e o vapor é grande mas sem nada de notável.

5h Passamos os Cedar-rapids. Não são como o Long-Sault porém mais consideráveis do que os outros. O velho escocês chama-se Rbt. Robertson de Port Robinson.

Ontário. As montanhas muito longe de que falei, são as Adirondack-Mountais. Ainda não pude descobrir no horizonte a montanha de Montreal.

5h 25'. Passamos as Cascade: rapids menos iguais aos de Long-Sault; a água fervia em caixões à direita.

6 ¾. Passamos por outros rapids mas não tão ferventes como os anteriores chamados (Behaconie)? Descobre-se bem porém muito ao longe a montanha de Montreal e adiante o farol-barco numa ponte que se dobra para chegar à cidade.

Disseram-me que Albert-Brigde está ainda em projeto etc. Depois dos rapids entramos no St. Louis Lake. Não podem tardar os pilotos índios para atravessarmos os rapids de Lachine. Dois pequenos faróis-barcos.

7h 6'. Passados os rapids de Lachine. Nesta povoação à direita recebemos o piloto índio (chamado Batista) que nada tem de característico. Houve 4 balanços maiores de estibordo e bombordo, e outros em sentido contrário. Passamos perto de um rochedo quase coberto de água à esquerda. Estes rapids são mais perigosos, mas não tão pitorescos e de aparência amedrontadora como os de Long-Sault. Aproximamo-nos de Montreal de que já vi bastantes casas e uma igreja defronte de Lachine.

A cidade dominada pela montanha atrás da qual se punha o sol que também corava de rosa a imensa ponte produzia uma vista belíssima. Perto de 8 entrou o vapor para uma pequena doca perto de outra com comporta depois de se terem passado os passageiros, para Quebec do Spartan para o Montreal também grande.

Receberam-me no cais com hurrahs.

O compartimento da Victoria Bridge é de 9.194 ou quase 2 milhões inglêsas. Descansa sobre 24 pegões e duas cabeças de sólido trabalho de pedreiro. O vão central tem 330 pés de comprido. O tudo por cujo interior passa o caminho de ferro tem 22 pés de altura e 16 de largo. O custo foi de 6 milhões e 300.000 dol. Tem 250.000 toneladas de pedra e 8.000 de ferro. Chegamos ao Hotel St. Lawrence Hall depois das 8 ½. Vesti-me e fui ao teatro — Academy of Music — Bonita sala e representaram bem a peça cujo programa trouxe. Tocaram o hino inglês quando eu cheguei e retirei-me e aplaudiram quando eu passava.

Comi um pouco e vou dormir que é mais de meia noite. A água de S. Lourenço é muito clara.

**7 de junho de 1876** - 9h 40'. Das 6 às 9 Market de Bon-secours. Grande edificio de pedra. No terceiro andar está a Câmara Municipal. Tem zimbório e cúpula. Não vi objetos curiosos. Quase todos os vendilhões falam francês. Havia peixes de rio — sobretudo um muito grande estrugeon e de mar, de Portland. Igreja de Notre-Dame do Bon-Secours muito perto. É de 2 séculos fundada pela Bonne-Soeur Bourgeois, que morreu em 1700. É curiosa pela sua forma antiga. St. Patrick. dos irlandeses. É bela externamente e no interior de colunas parece-se com a de St. Peter de Pittsburg, que muito me agradou. Christ Church episcopal. De estilo gótico e com uma flecha de grande estatura. É muito bela externamente; internamente é bonita; mas não gosto dos arcos de madeira no teto de pedra. Retrato do Deão Bethune que morreu em 1872 de 91 anos e monumento no terreno fora da igreja de bispo Fulford, cujo busto se acha na sacristia perto do retrato do Deão durante 24 e pároco durante 40 e tantos anos.

Instituto de surdos-mudos. 50 meninas. Uma respondeu bem vocalmente a perguntas da diretora de rotundas dimensões pertencente a uma congregação que se diz de irmãs de caridade. Tem 10 mestres nesta ordem. O edificio é

grande e cercado com bastante terreno para plantarem. O governo do Canadá só concedeu 5.000 dol. por ano. A superiora queixou-se de pouco dinheiro, tendo reparos e obras que fazer como eu observei.

Catedral católica de Notre-Dame. Grande igreja. O interior pintado e dourado à moda britânica. O teto é baixo demais. O cura chama-se Martineau e queria por força que eu visse os ornamentos da igreja. A cidade tem belas casas e aqui perto um belo correio. Antes de voltar ao hotel entrei numa loja de livreiro. Não tenho achado em nenhuma parte as obras de Siman sobre os Estados Unidos. Há muita pedra ao pé e por isso as casas são de pedra, e muitas de cantaria e quase todas as ruas calçadas de paralelepípedos. A cidade do lado do rio tem bons cais de pedra.

2h 20. Fui ao Museu mineralógico e geológico. Belo estabelecimento. Tudo muito bem classificado. Também há aí um gabinete para análises de minerais. O químico deu-me um lindo cristal de silicato de alumínio e ferro (garnet) (creio que é que chamamos granada da British Columbia). Depois ainda falei deste Museu.

Casa de ensinar a cegos dirigida por irmãs de caridade. São 13. 50 cegas e cegos (Estes 13). Aceiada [*sic*]. Sistema de Braille. Os cegos aprendem a fazer vassouras e a afinar pianos. Primeiras letras, geografia, e história; a tocar todos os instrumentos e as meninas costura, bordados, etc. eis o ensino.

Mc Gill-College. É uma universidade fundada por este homem, e socorrida grandemente pelo banqueiro Malsson (há um banco na cidade com este nome). Deram-me uma brochura sobre este estabelecimento. A escola de medicina anexa; muitos porém estão em férias desde 3 de maio até 13 de setembro e nada tinha que ver.

Passeio ao morro. Belíssima vista da cidade. Ao longe montanhas de Belisle e outras. Voltei por junto do reservatório das águas, que as recebeu por canal vindo do rio de ponto superior aos rapids de Lachine (creio eu) e depois são levados por bomba às alturas precisas. Vi de cima do morro o Hotel Dieu, que é um grande edifício para doentes e órfãos. Agora vou para estação de onde parto para Lowell.

A livraria de Mac Gill-College é bonita e tem 12 mil volumes, alguns curiosos. No Museu vi um lindo bustozinho de Bache, e outro busto de Sir William Logan, o célebre geólogo, de que um amigo seu deu-me uma biografia.

**3 de junho de 1876** - Partimos. O seminário de S. Sulpice de Montreal manda-me de presente ao vagão a Histoire de la Colonie Francaise aux Canada — Villemarie Biblioteque. Paroissiale 1865.

Deram-me hurrahs na estação ao partir. Passamos um canal. Atravessamos a ponte em 6' 25". Tem muitos pequenos postigos do lado e superiormente, e alguns rasgões como que janelas. Pareceram-me todos como vidros.

4h ¼. Terreno plano e bem cultivado.

Às 4h 5' poucos minutos em St. Johns. Tem suas casas e uma igreja. Acabamos de passar em pontes de ferro e madeira o Richelieu-River, que é um tanto largo. Esta estrada passa por New-Port (Vermont) na extremidade do lago Memphremagog de 35 m. de com. e 2 a 5 de largo. É muito pitoresco por suas belas enseadas com pontas cobertas de mato tendo atrás linhas de montanhas e por suas numerosas e lindas ilhas.

5h 25'. Depois de passarmos uma estação (West Farnham) e um rio pequeno (Wamarka) chegamos agora a uma estação (Brigham) lugar de algumas casas e uma igreja e seguimos. A paisagem é muito bonita, com colinas um pouco elevadas ao longe do lado esquerdo. 6h creio que o último ponto que passamos foi St. Albany e antes Burlington.

6h 17'. Chegamos e partimos de Stanstead-Junction. Vi à direita nesta estação grande quantidade de casca de árvores amontoada que pareceu-me cortiça. A estação vem depois de outras posteriores às que citei erradamente. Outra porção de casca alguns minutos de caminho distante.

6h 35'. Vejo na estação escrito Sul-ton-Flat.

6h ¾. Terreno de colinas e uma montanha à direita ao longe.

Chegamos a Abercorn. Devemos chegar breve ao lago de Memphremagog, que segundo o superintendente do trem quer dizem Bela-Água. Os montes Owl's Herd e Oxford Mountains, que dominam o lago tem 3.000 pés de alto.

7h 7'. Chegamos a Rickford. Bonito lugar com bastantes e uma igreja que sol ilumina ao longe.

7h 4'. Atravessamos o pequeno rio Mansisko. O terreno é muito dobrado e talvez sejam as montanhas de Memphremagog as que se descubrem ao longe.

7h 10'. As altas montanhas se aproximam. Lugar muito pitoresco. Seguimos há tempo a margem esquerda de um rio pequeno que às vezes parece canal pelo paralelismo das margens. Corremos bem ficando à esquerda a bela vista do vale. Erie.

7h 25'. A vista alonga-se por verde vale até altas montanhas ao longe. Poucas casas junto a colinas à direita.

7 ½. Chegamos a Marsonville 17 milhas de Newport e 48 de West-Farnham. Passamos por um alto corte.  
7h 40'. North-Troy. Vê-se ao longe uma montanha pontuda assim.

**[Desenho]**

Cemitério e pequena povoação à esquerda.

7h ¾. Atravessamos lugar de mata com queimada.

8h menos 7. Newport Centre. Algumas casas de ambos os lados e 2 igrejas à esquerda.

8h Passamos um alto corte e dentro em pouco avistamos o lago Memphremagog.

8h 10'. Vamos chegando a Newport.

9h Vimos o hotel que tem bela vista para o lago, onde andei um pouco dentro de uma casca de noz em companhia do Lamare e o remador. Era preciso estar quieto para não virar o escalerzinho. Parece que o do Bom Retiro e o Kelly meteu-lhes bastante receio de virar e tinha água no fundo. Vamos seguindo. Faço ponto por hoje.

**7 de junho de 1876** - 5 ½ da manhã. Ontem antes de me deitar ainda vi o lago junto ao qual passamos e ao longe as White Mountains que me pareceram bastantes altas. Deixamos há poucos minutos Concord (capital de New Hampshire) e margeamos o Merrimack.

Esteve há pouco comigo o barítono Guelmete. Foi cantor na Capela do Rio e mostrou-me um atestado de Francisco Manoel da Silva de 1853. Lembro-me dele no Rio.

Paisagem de colinas relvasas com cultivo e casas de vez em quando. Bonita cocheira do rio perto de uma ponte. Seguimos sempre a margem direita do Merrimack.

5 ¾, passamos Hooksett e logo depois atravessamos o rio em ponte de madeira coberta não pequena.

6h 4'. Cachoeira do rio e uma ponte. Chegamos a uma povoação considerável, com longas ruas arborizadas. É Manchester cidade manufatureira e a mais popular de N. Hampshire com 23.509 hab. Elm-Street sua principal rua tem 100 pés de largo e mais de 1 m. de comp. Estação grande. Seguimos. 6h 19'. Goff's Falls. Atravessamos o rio em ponte coberta. Passamos

6h 34' outra vez o rio em ponte coberta.

7h 6'. Outra vez. Chegamos a Nashua.

7h 9'. O Merrimack alargou, contudo apresenta pequenas corredeiras.

7 ½. Há tempo que vejo no rio uma grande linha de madeiras flutuantes ligadas em continuação, dizem que para evitar que as que boiam no rio deixem de seguir o mesmo caminho.

Chegamos a Lowell.

8h 10'. Já estou no Hotel Merrimack House para onde fui a pé por ser muito perto da estação. A entrada da cidade é muito por causa da muita água que julgo ser de Pawtucket-Canal que não tendo dado lucro para a navegação, estendendo-se desde as cachoeiras até o Concord-River abaixo da cidade, foi aproveitado para uma fábrica. Começou em 1846 um canal desde a saída do lago Winnepesaukee para obviar as baixas do Merrimack River.

Em 1871 havia em Lowell 69 fábricas com 9404 mulheres e 5413 homens. 570.586 fusos e 13.466 teares. Tem 42.000 habitantes. Frederika Brener fala "Glorious vieux from Drewcroft's Hall on a cold winter evening of the manufactories of Lowell lying in a half-circle, glittering with a thousand lights like a magic castle on a snow-covered earth".

A estátua do monumento que se vê na praça ao pé do hotel é do célebre Bauch Esqueci-me de dizer que vi no Museu de Montreal a medalha que obtive a coleção na Exposição Universal de Paris. Os serolitos foram com outros objetos para a Exposição de Filadélfia.

Vi aí diversos exemplares de rocha do Eozoon assim como pedras com impressões das patas do batráquio antediluviano Sauropus Unguifer.

É preciso formar no Rio uma coleção semelhante das riquezas do Brasil e em cada capital de Província outras das respectivas.

Vi enxofre em pó, que se condensou sobre a rocha de cujas fendas saía o gás ácido sulfuroso. Que belos mármore e serpentina como a do pedestal sobre que está o lindo bustozinho de Bache! Tudo está perfeitamente classificado e senti não parar por aí todo o dia. A casa muito bonita embora as salas não sejam grandes tem três andares.

Está caindo boa pancada de chuva. Adiantei ¼ meu relógio pelo do hotel.

Disseram-me que foi o Dr. Ayer da salsaparrilha quem doou à cidade o monumento ereto à memória de Ladde Whitney do 6. reg. Milícia de Massachussets *[sic]* morto no ataque daquela comp. pelos (roughs) turbulentos de Baltimore em 19 de abril de 1861.

5h 10'. A cidade é bem situada. Ruas arborizadas de Maple-Tree e quase todas bem calçadas.

O passeio por cima de uma colina e belo Belvedere onde mora o general Butter em linda casa de campo é bonito. Fica perto a entrada do Northern Canal que por meio de um açude conduz água de cima dos rapids do Merrimack. Também vi o canal Pawtucket. Visitei as fábricas. Merrimack — a maior — de tecido de algodão pintado — calicot — que faz por ano chita que medida em sua extensão iguala 12 m. Tem mais de 2000 trabalhadores. Pagam por yard e cada trabalhador ganha até 36 dol. por mês; o Carpet-Mill. A casa dos teares em número considerável ocupa um acre de superfície. A Usa cores de 600 nuanças — só de verde 60 — mais de 2000 trabalhadores; muito importantes; não menor que a de Handerson de Durham; a Machine-shop com igual número de trabalhadores para todas as máquinas relativas à manufatura de algodão fabricando 4.000 teares por ano. A Lawrence-Mill de meias propriamente dita assim como camisa de meia, com máquinas engenhosíssimas.

Casa do Dr. Ayer. Corri-a toda. Publica disse-me o que lá estava Cooks ou Crooks 10 milhões de almanacks por ano imprimindo 80.000 por dia. Vi as máquinas de dobrar as folhas. Tem 150 trabalhadores dos quais 100 mulheres. Reinava muita atividade. Quase todos tem turbinas de 250 cavalos cada uma e 300, e Machine-Shop também uma máquina de vapor de 1000 cavalos. Há um folheto que dá informações sobre as fábricas de Lowell. Levo-o. O salário é por empreitada nas fábricas de tecidos e regula em todas de 20 a 33 e 36 dol. por mês.

6 ¾. Partimos. No passeio de antes do jantar vi por fora dois bons edificios. High-School e Primary-School — e uma bela e grande igreja católica de pedra em construção. A 1ª fábrica que vi foi de panos com 2000 e tantos trabalhadores. Faz panos de todas as qualidades; excelentes chalés de todas as cores e cobertores. É tão boa, segundo me pareceu, que uma que visitei em Aix-la-Chapelle.

Esta tarde dei um passeio do outro lado da cidade de Lowell, vendo a boca do Pawtucket-Canal. Bela avenida de maple-trees com lindas casas de campo quase todas como as desta manhã de madeira: uma se estava construindo perto da parte mais povoada. O passeio de subida esta manhã foi, parece, o de que fala Frederika Brener.

7h 4'. Já passamos por duas estações e ao chegar à última vi à direita um grande edificio de feio aspecto que disseram ser a casa de caridade do condado.

7h 13'. Nada de notável no aspecto do terreno, passamos um corte baixo e curto. Terreno alagadiço à esquerda colinas à direita junto à estrada. Povoação por detrás das árvores, à esquerda, casa grande e igreja. O sol vai-se pondo rubro do lado que deixamos. O céu desta banda está nublado. Depois do jantar deu uma boa pancada mas o tempo ficou bom para o passeio perto das 6. Esqueci-me dizer que o governo do Canadá dá 400 piastras disse a irmã de caridade; mas julgo que são dol. por ano ao colégio dos cegos.

7 ½. Outro corte como o que já mencionei. Água estagnada à esquerda.

7h 34. Uma junção. Atravessamos mato.

7h 40'. Água é que vou vendo, à esquerda terreno bem cultivado. Passaram-se algumas casas desse lado.

7h 43'. À direita povoação Peabody. Também há casas à esquerda. Não é pequena. O célebre Peabody gostou deste sítio. 2 igrejas. Tem um largo bonito e estação feita com gosto. Bonito edificio do Peabody-Institute. Muitas peles cosidas penduradas ao sair da povoação. Aqui existe ainda a casa onde nasceu. No Instituto há livreria e coleções dignas de visita e o retrato da rainha Vitória dado a Peabody.

8h 6. Chegamos a Salem. Num cemitério está enterrado Peabody. É a cidade-mãe da colônia do Massachussets. 8h Atravessamos um túnel. Estamos em Salem, onde ainda se mostra a Old Witch House em que alguns feiticeiros foram julgados.

8h 11'. Chegamos a um lugar bastante povoado. Antes só casas de campo que me pareceram bonitas. É Lynn de 20 e tantos mil como Salem. Possui um dos mais belos City Hall de Nova Inglaterra.

8h 12' se vê à esquerda a baía de Boston e de outro lado as luzes de Mahant a 12 m. por água de Boston, que parecem as de Niterói, e perto da qual julgo ter lido que Longfellow arrendara ou alugara uma casa. Não percebi quando passamos o rio Lynn. Já se vêem as luzes de Boston. São 8 ½ e chegamos a Chelsea.

Vi ontem uma boa estátua de Franklin, com baixo relevo de sua vida defronte do City Hall, feita por Greenhough em 1855.

Na Commonwealth Avenue há as estátuas de Hamilton, Ministro de Washington — feita de granito e mediocre e outra de bronze do general Glover amigo de Washington, muito boa e feita por ( )<sup>011</sup>.

**14 de junho de 1876** - Depois do almoço fui ao Instituto das Surdos-Mudos da City (Municipalidade). O mais interessante é o grande número dos que falam (processo Bell cujo filho é mestre no Instituto). Traços que imitam as formas dos lábios etc. e forma o sinal cujo som devem articular. Gostei muito deste Instituto. Grammar School (intermediária). Nada notei de novo, a ser a recitação de discursos no hall. Tinha 600 rapazes.

Sessão dos médicos na sala do Lowell Institute. Introduziu-me um dos Drs. Ouvi o discurso do secretário. O Presidente Dr. Cotting deu-me o diploma de sócio honorário. Eu disse que só podia ser social physician and not medical. Daí passei ao salão da sociedade musical e onde estava armada a grande mesa para o banquete dos 800 médicos e ouvi o belo órgão do que já falei e tem 300 tubos.

A estátua de Beethoven é a última obra de Crawford.

À 1h fui à oficina ótica de Alvar Clark em Cambridge etc. Vi o pai, amigo de Agassiz e os filhos dos quais Jones obteve em 1866 da Academia das Ciências o prêmio Lalande, por ter achado a estrela companheira de Sirius com o telescópio que lá vi armado fora de casa. Está fazendo instrumentos para o governo do Japão, um telescópio para Viena. Foi ele que preparou a grande objetiva do observatório de Washington. Seus processos são simples e até parecem pueris. Agassiz zombou deles por brincadeira. Ele apresentou-me toda a família até a única filha casada e parálitica. Gostei muito deles e depois soube pelo professor Slade que Clark velho fizera dele um bom retrato e é bom pintor.

Vim ao Athenum onde fui recebido pelos trustees, dos quais é o velho Lowell, filho do fundador do Instituto do mesmo nome. Quase todas as obras de arte foram para a nova galeria de que já falei, contudo aí está o belo Colombo criança, de Montecarlo. A naturalidade sobretudo das pernas cruzadas, é admirável.

Vi bons bustos feitos pelo Crawford e na sala anexa da Academia de Ciências o retrato a óleo de Crawford. Continuarei amanhã. Partimos às 9h em ponto.

**15 de junho de 1876** - 5 ¼ da manhã. Ontem depois do Atheneum fui ao City Hall ver o Mayor e pedir-lhe uma coleção do que a City tivesse publicado a respeito de instrução pública.

O nome do dono do belo jardim defronte ao Wellesley College é Humewell.

Depois do jantar fui ontem despedir-me de Mme. Agassiz e de Longfellow. Entre 3 e 4 tive a visita do professor Slade e da mulher dando-me aquela uma bela obra com estampas sobre Harvard College e fui à casa de John T. Sargent ver Whittier cuja fisionomia, embora algum tanto severa, muito me agradou. Falei-lhe de Barbara Freach e do hino do Centennial e ele agradeceu-me a tradução de The cry of a Lost Soul. Pouco discorreu sobre literatura.

O célebre orador Phillipps e outros chamaram logo, a propósito da doença de Blaine, a conversa para o terreno da eleição presidencial.

Ofereceram sorvete de creme e café com leite, sendo Mrs. Sargent muito amável com todos e retirei-me abraçando eu Whittier que se mostrou muito comovido.

Vou a caminho de Albany. O terreno é de colinas e vêem-se plantações.

5 ½ vejo à esquerda o Hudson River bordado de colinas deste e do lado oposto dele. Vão aparecendo casas e até vejo o grande vapor atracado.

5h 35'. Chegamos a Albany. Vi 10 vapores no Hudson, que atravessamos em bela ponte de ferro. Depois de chegar à estação passeamos de carro duas horas. Belo novo Capitólio que se construiu todo de cantaria e tijolo, internamente. Belas catedrais episcopal – vi no fundo grande janela de vidros pintados muito bonitos quando pude julgar de fora – e católica.

Penitenciária. Pelo que vi, passando, parece fazer-se ainda – porque está aumentando com os defeitos da de Boston.

Bonito jardim público, onde passei um pouco a pé com lago e barcos – um era remado por duas senhoras. Belo Hotel. A cidade é sobre colinas.

Partida às 8h 10. O caminho é lindo.

8 ½ . Que bela cascata — como a grande da Tijuca pela massa de água — e à esquerda! Canal Erie tão cheio de barcos que parecem uma só linha. As ruas de Albany são quase todas plantadas de árvores. Calçadas más de pedras arredondadas.

9h 3'. Chegamos a uma estação. Estamos em Mechanic-ville.

O New York Herald de hoje já publica o que fiz em Boston ontem e só foi sabido depois das 8h Já passamos Troy. Foi uma grande povoação que eu vi pouco depois de Albany e tem 50.000 — Albany 70.000 aqui também passei pela casa do Governador, não muito grande mas bonita e quase coberta de folhagem das trepadeiras. É cidade manufatureira (ferro, aço Bessemer, algodão, lã, etc.). Vejo agora no guia que a cascata chama-se Cohoes-Falls no Mohawk que afluente no Hudson.

9h 40'. Muito bonito caminho quase todo com lindas casas e jardins — também vi plantações. Chegamos a Ballston com bastantes casas e algumas bonitas. Tem diversas boas fontes de águas minerais A melhor é Lithia.

9h ¾ Atravessamos uma ponte. Outra. Lugar de bastantes casas com árvores e cortado de águas.

9h 49'. A vista alonga-se à direita por cima de lindos campos e colinas com árvores e plantações. Para a esquerda também a vista é bonita. Já se vêem casinhas com bandeira americana e letreiro Geyser-Spring etc.

10h 5' Descampado bonito com árvores e casas espalhadas.

10h Chegamos a Saratoga.

10 ¼ da noite. Estamos no Grand Union, que parece não ser tão grande como o outro desse nome, que ardeu. Todavia é um dos maiores; mais comprido, porém não tão alto nem tão largo como Palace Hotel de S. Francisco; contudo tem seis varandas superiores umas às outras que deitam para o saguão pequeno comparativamente ao do Palace Hotel. A rua do Hotel Broadway é bonita. O lugar em geral não é bonito.

Fui à igreja católica pequena, mas que não é feia no interior de gosto romano. Dei depois um giro vendo primeiramente Geyser-Spring assim chamado porque repuxa dentro de um tanque circular onde também há um globo de vidro onde a água entrando e saindo por uma pequena abertura produz efeito curioso. Acharam esta fonte abrindo uma artesia até 183 pés. A camada a 9 pés do nível atual é do carbonífero. O jorro vem de água que passa por fendas de terreno Fleinty de bird-eyes. É alcalina e ligeiramente férrea; fria. Vi outras que não descrevo porque são muito conhecidas pelos guias; mas ainda que a água do Excelsior é muito fresca e gasosa, sabendo-se muito bem, apesar de ligeiramente férrea e sulfurosa. Perto da Geyser-Spring, no jardim e correndo para as águas que formam um bonito lençol de água por cima de um açude acima do qual está um lago, há uma fonte fria porém muito sulfurosa e alcalina.

Junto à Excelsior há um bosque onde encontrei mais de pic-nics [*sic*] e muitos passeantes. Voltando daí vi ao lado esquerdo um edifício vistoso onde está a bomba por vapor que distribue a água de beber pela vila. A água é boa. Perto do hotel está o Congress-Spring que estão arranjando melhor, assim como o jardim que é bonito e tem veados num cercado pequeno. As árvores do jardim são olmos, que abundam neste lugar. O guia de Osgood dá muitas informações das fontes, etc. Vi o modo porque se enchem em Excelsior os barris e levo explicação assim como mapa da povoação de Saratoga, que não é grande; tem 8.000 residentes – e confesso que neste lugar só reparei nos hotéis que são notáveis.

Depois do jantar fui ao lago de Saratoga à distância de 6 milhas. Há restaurantes; dois tanques ao pé, tendo um trutas e daí goza-se de belíssima vista, havendo diversos caminhos na falda relvosa da colina para descer até à margem do lago. Aí avança uma ponte de madeira que dá embarque para um vapor, o Silvermoon que navega o lago agora às 11 e às 4.

Perto do embarque há casa de jogar a bola. Vendo outro vapor perto do cottage de Frank Leslie, que é editor de diversos jornais – alguns ilustrados em N. York – Fui até lá e ele, de muito bom grado, fez o vapor andar e vim no vaporzinho com ele e a mulher – meus conhecidos do soirée em Filadélfia, de Mr. Child, até onde estava minha e os companheiros de viagem [*sic*], menos Macedo e O'Kelly que tinham ido comigo até o vapor de Leslie, e deu-se um passeio até o fim do lago que os índios chamavam Kayaderoga.

Saratoga significa em língua iroquesa place of herrings, nome aplicado ao que se chama agora Fisch-Creek. Tem 9 m. de comp. e muito perto de 3 de largo. Além de Snake-Hill estando entre mato para cá dessa ponte a casa que serve aos estudantes da Universidade de Cornwell, onde há bastantes brasileiros, para as regatas em julho e agosto – aparece o edifício que não é pequeno dos Sulphur-Springs junto do qual repuxava uma fonte. O lago é muito bonito, e desse lado há diversas vilas. Vi duas marrecas voando por sobre o lago.

A casa dos Leslie – sendo a mulher muito espirituosa, falando castelhano, italiano e francês – é de N. Orleães, da família Foline. – Além da língua da terra e tendo aprendido latim, veio conosco o Coronel Willoghby, sogro de Pierrepont, nomeado Ministro para Paris. Tem 86 anos, mas espírito juvenil cheio de vivacidade. Também é vigoroso e manobrou o leme revezando com Leslie que me agradou, e a quem prometi um exemplar da última Breve-notícia, em inglês. A senhora muito me perguntou a meu respeito e admirou-se de que a tradução da Breve-Notícia fosse em tantas línguas inglês, francês e alemão. Foi um bom passeio. O caminho até o lago tem lugares que não são feios e bonitas plantações e arado. Passa-se pelo campo das corridas de cavalo. Chegamos ainda com restos de crepúsculo porém minutos depois das 9.

Vi esta manhã um acampamento ou antes casas de madeira que são ocupadas em tempo próprio por índios do Canadá. Frank Leslie falou-me dele como gente muito suspeita. Do lago vêem-se ao longe as Green-Mountais que parecem-me ligar-se aos Adirontek que vi ao longe descendo o S. Lourenço.

Sigo amanhã às 6 ½ para Pougkeepsie. Se alguma coisa me lembrar acrescentarei de manhã.

O que escrevo são rápidos apontamentos e portanto desconexos. Levo fotografias.

**16 de junho de 1876** - 6h 40'. Acordei às 5. Estou no vagão à espera da partida. Ontem fez muito calor. Partimos. O Dr. Fontes foi ontem ver a casa de banhos do Dr. Strong. Achou-a boa. Tem banhos russos, turcos, elétricos e aplica o vácuo por meio de recipientes e máquina pneumática a diversas partes do corpo.

A sala comum de comida no Grand-Union tem 259 pés de comp. 56 de largo e admite 1400 hóspedes. Não tem apoio nenhum para o teto sobre o qual repousam contudo as divisões de andares superiores, mas consta-me que o madeiramento está todo travado com as paredes da sala. O salão de conversa tem 140 p. de comp. e 62 de larg. O hotel pode receber 1800 hóspedes.

Seguimos o mesmo caminho para Albany e depois vamos a Poughkeepsie, do nome índio Apokeepsing (safe harbor). Dizem que a High-nek-spring surge de um pequeno rochedo formado por depósito de água, mas que creio que aí foi posto de propósito para tornar a fonte mais procurada.

7h 13' linha de barcos no canal à direita perto de colinas. Esqueci-me de dizer que a State-library que vi por fora, em meu passeio de ontem em Albany é um edifício grande. Custa a reter tudo e agora lembro-me de que o quartel general de Washington durante o cerco de Boston foi no lugar da casa e Longfellow, em Cambridge.

7 ¾. Chegamos a Albany. Ontem quando chegávamos do lago encontramos diversas pessoas que corriam puxando uma bomba para exercício. Vejo aqui um sleep-car, de Wagner, quase que tombado de todo de um aterro. Este Wagner, por ser rival de Pullman, põe dúvidas em admitir o nosso carro em sua linha, mas espero que se vença aqui esse embaraço, que o é mais pelo incômodo de passar a bagagem para outro carro.

9 ¾ Enfim partimos no outro trem (Wagner car). Vanderbilt não quis, parece, responder ao telegrama.

Margeamos o Hudson (10h 7'). Ao longe à direita e por detrás montanhas muito distantes. Vejo desse lado e além do rio uma povoação com casas derramadas por colinas altas.

10 ¼. Passamos por edificios num porto onde estava um vapor grande. A margem, toda semeada de casas. Ponte deste lado do rio. Segundo edificio que vejo do lado oposto com calhas descendo de janelas. Parecem elevadores. O rio alarga bastante. Vê-se por detrás das colinas da margem oposta uma serra muito elevada e muito longe.

10h 20'. Passamos ponte coberta em algum pequeno rio, ou entrada do Hudson deste lado. A vista do lado oposto do rio é muito bela. O caminho segue um aterrado nas águas do rio. Ambos os lados lindos e muito habitados.

10h 25'. Addison. Na margem que seguíamos. Tem bastantes casas e chaminés das fábricas.

10h 32'. Temos andado 50 m. por hora. Vejo no cimo da colina na margem oposta uma grande casa com bandeira americana flutuando num mastro. Parece-me hotel. A estrada roça quase as colinas baixas deste lado e as águas do rio. Tenho visto barcos pequenos a vela. Os carneirinhos no rio parecem indicar pedras, ou fundo baixo. Mais três elevadores na margem oposta e um grande vapor atracado a um deles.

11h 12'. Outro aterrado no rio e talvez maior que o primeiro. Vejo outro elevador na margem oposta com barcos ao pé. Avistam-se mais do mesmo lado. Outro aterrado – menor – dentro do rio. Povoações sofríveis na margem oposta. Navios de vela e vapor de rebocar madeira. Vapores um pequeno – os outros três rebocadores dos quais um o Niágara, muitos barcos, creio que de lenha. Tenho visto faroletes dentro do rio.

para ensino e 50 para vestuário. A casa custou 100 mil dol. Fábrica de Tiffany onde se fazem todas as obras de prata, ouro, cobre, bronze, esmalte – há oficina galvanoplástica para os três metais e platina, e de desenho. É muito interessante.

Depois do almoço no Delmônico – 5th Avenue n° 14 com o Bom Retiro e o Fontes – tardou o almoço; porém não desconceituou a casa afamada – fui ao New York Times. Vi lá um modelo de máquina de secar café por meio de vapor de água na razão de 10.000 ££ por dia em 40 tabuleiros de 63 *[sic]* cada um, consumindo a caldeira uma corde de madeira como combustível. Ao mesmo tempo não se evapora toda a lavagem do café que serve para produzir o vapor, e trabalhando 2 caldeiras; ora uma ora outra de 40 litros de xarope de lavagem extraem-se 3 de aguardente. O inventor Tarière deu-me também aço feito diretamente do magnetito de Long-Branch Vi também fotografias feitas com negativos de gelatina em que a pena traça o desenho. Assim se fazem os desenhos do Novo-Mundo. O Rodrigues estava presente. A imprensa do Times está bem montada porém tira 6.000 folhas por dia.

Depois fui à Tribuna. Casa magnífica, de cujo cimo se goza excelente vista. Bayard Taylor (o poeta) acompanhou-me. Muito bem montada essa prensa. Tira 25.000 por dia.

Diário Alemão. Casa magnífica toda de mármore. Imprensa muito bem montada. Tira 55.000 por dia. O dono alemão que está aqui há 27 anos, embora sofrendo um pouco de paralisia nas pernas acompanhou-me sempre. Goza também de bela vista e bom fresco. É fácil ir a todos esses andares por causa dos elevadores.

Continental Bank Note e American Bank Note. Ao primeiro fui por engano supondo ir ao outro onde se fazem bilhetes para o Brasil. Trabalham bem em ambos sobretudo no segundo, cujo diretor pareceu-me muito inteligente.

Estive no Consulado perto de Castle-Garden e finalmente vi as ruínas deste que ardeu no domingo de tarde. Os colonos lucraram com o fogo. Terão breve boa casa.

Às 5 ¼ fui ver uma fábrica de querosene onde o processo de despejá-lo nas caixas é curioso; mas o mesmo dos barris em City-Oil. Antes de lá chegar num vaporzinho – East-river – quis ver se abordava a um vapor onde uma sociedade de Sras. estabeleceram um hospital para 200 crianças. Só as vi de perto. A água estava muito agitada. Tinha havido boa trovoadas. Ontem o calor chegou a 100 e 101 e houve mais de 40 casos de insolação, dos quais alguns fatais. O calor tem sido hoje também respeitável. Da fábrica fui ver as escavações em Hell's gate debaixo de East-River, para fazer saltar o fundo por meio da explosão, e poderem os navios da Europa passar por dentro de Long-Island o que abreviará o caminho de 8 horas. Estive a 40 pés debaixo d'água. Tem 10 entradas e com todas as galerias 40 tendo de extensão todas unidas mais de 7 milhas e há uma nota impressa; que não encontrei: agora já vi a obra depois de terem gasto 1000 contos. Esperam auxílio do Congresso.

Segui até perto de High-bridge pelo rio de Harlen. Além da ponta deste nome há outras duas onde passam os trens e que também tem a parte central girante para dar passagem aos barcos. Perto de High-Bridge, donde vem o aqueduto de Croton há casas de escaleres de regatas. Como o vaporzinho levou bandeira brasileira vitoriam-me.

A bordo conversei com Bayard Taylor que é um viajante universal e fala italiano; espanhol e o árabe de suas viagens pelo Oriente. Esteve um ano Ministro em S. Petersburgo. Tem-se mostrado muito meu afeiçoado.

Há pouco houve aqui no meu salão um concerto organizado pelo violoncelista Werner. A Thrusby, que eu ouvira em S. Francisco cantou muito bem a balata C'est une volta un príncipe – A Henna (contralto) cantou muito bem. Franz Remmert's tem excelente voz de barítono. Mills é excelente pianista. De Werner já falei. Gostei bastante. Vou descansar para a partida de amanhã. Durante o concerto houve tremenda trovoadas e sempre quente a não ter as janelas abertas ao vento. Não conheço tempo como o do verão aqui. Estava todo brotoejado *[sic]*; porém em Filadélfia tive momentos de ficar desesperado do prurido.

## **EXPOSIÇÃO DE FILADÉLFIA**

Inglaterra e Colônias

**20 e 21 de junho** – das 10h às 2h

Acompanhou-me o professor Archer.

Main-building

Exposição na fábrica de galvanoplastia de Elkington de Birmingham.

Lindos objetos sobretudo um prato que representa em baixo relevo a toilette de uma pompeiana. Foram-se os olhos nele porém custa 8.000 dol. Nas porcelanas e diversas espécies de ladrilhos revela-se grande progresso no desenho. Há tapetes belíssimos. Instrumentos científicos aperfeiçoados onde reparei sobretudo para um barômetro de receptáculo de mercúrio feito no vidro chato e tão flexível que é sobre ele que se opera a pressão do ar. Não tem como os aneróides o inconveniente de se enferrujar o fio metálico.

Relógios, onde se pode fazer parar qualquer dos ponteiros independentemente dos outros; o que é de grande vantagem para a observação precisa de um tempo.

Nas colônias notei sobretudo a parte relativa ao ensino do Canadá, onde há modelos em ponto pequeno; mas bem feitos das casas das escolas, e as da Austrália principalmente a de Queensland. Foi muito bem organizado por Daintree, agente dessa colônia em Londres. Está dividida por grandes indústrias com tábuas indicando os diferentes produtos, sua importância no ano de 1874, e outros os diferentes terrenos geológicos, acompanhado os diversos objetos, e pinturas das localidades características, e mapas geográficos e geológicos.

A de New South Wales também está muito bem organizada, e apresenta um belo troféu de pedaços de carvão de pedra. As colônias donde se extrai ouro em abundância mandaram sólidos dourados representando o volume do metal até 1874 extraído, e como dele em dol. e ££.

As coleções mineralógicas da Austrália são riquíssimas, assim como completas as de lã de carneiro. Também apresentam muitos grãos; porém nada vi de notável neste gênero.

A coleção de fotografias de paisagens e monumentos de New South Wales é interessante. Vi uma curiosa coleção de extratos de eucalipto de que há um grandíssimo número de variedades asseverando-se-me que as moléstias, onde cresce o eucalipto, não se tornam endêmicas atribuindo esse efeito à umidade que essa planta absorve.

Na exposição do Cabo vi diamantes que não são tão belos como os nossos, e uma Miricica de que pouca porção das sementes dá 16 ££ de cera, que vi e tem um ligeiro cheiro de sebo.

Na da Jamaica vi café tão bom como o nosso melhor, e boas amostras de Cinchona suci-rubra, de que se vê um tronco bastante alto e grosso de um pé de 7 anos. Mais adiante ainda falarei dessa cultura na Jamaica. Também devo referir às obras artísticas de terracota onde os ingleses tem feito muito progresso.

Entre o Main-Building e o Agricultural Hall o asfalto que puseram com o sol e a passagem vai ficando pasta, e dentro em pouco há de ser difícil ainda por aí. Vi uma grande e bela amostra de teína extraída numa fábrica de Edimburgo que apresentou perfeitos preparados químicos.

### **Machinery Hall**

Grandes moendas aperfeiçoadas para açúcar, de que levo todas as explicações. Tear muito engenhoso de fazer fitas com desenhos de diversas cores. Verruma de furar ferro em todas as direções. Um modelo de trilhos em que o movimento que muda sua direção para um aviso ao mesmo tempo dessa mudança por sinais visual e auditivo. Outro que torna mais doce para os vagões a mudança de uns trilhos para outros, quando muda a direção do trem. Modelo de uma bomba do sistema que na atualidade produz maior resultado e é usado no dissecação do lago de Haarlen. Reparei numa bomba de pequeno trabalho que jorra água pelo movimento creio eu de um êmbolo dentro do bocal da mangueira, segurando-se nesta com uma mão e a outra manejando o bocal e o êmbolo. Máquinas já conhecidas e que não tenham melhoramentos eu não examino.

### **Agricultural Hall**

Máquina para cortar cereais muito engenhosa e prática; outra cortando de 4 formas diferentes as raízes para alimentação dos animais; outra cortando forragem diagonalmente não encontrando assim tão grande resistência das fibras; outra de descaroçar algodão deixando as sementes quase brunidas. Locomotiva para serviços rurais com rodas feitas de modo a encontrarem apoio necessário no terreno e podendo-se-lhes adaptar, segundo me pareceu pedaços de caoutchou. Vi colméias curiosas sobretudo aquelas em que se põem o fundo das células feito artificialmente poupando assim trabalho às abelhas, e outra em que se coloca água quente, e com açúcar, a qual aquece e alimenta as abelhas durante o inverno assegurando-lhes a vida e poupando o mel dos favos. A maior das colméias tem vidros para se ver o trabalho das abelhas, e como que gavetas que permitem tirar os favos sem matar as abelhas. Parece-me muito curioso esta parte.